

D. Estêvão Bettencourt, O.S.B.

Curso de Mariologia

MATER ECCLESIAE



LETRACAPITAL

Copyright © Arquidiocese do Rio de Janeiro, 2022

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Escola Mater Ecclesiae,
poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados.

Para os textos bíblicos, as citações foram extraídas da **Bíblia Sagrada**. Tradução oficial da
CNBB. 3. ed. Brasília: CNBB, 2019.

Prioritariamente, os textos patrísticos foram extraídos da **Coleção Patrística**, [Livros eletrô-
nicos]. São Paulo: Paulus, 2014-2018 (v. 1-38); 2019 (v. 39-42).

EDITOR João Baptista Pinto

CAPA E EDITORAÇÃO Luiz Guimarães

REVISÃO Luiz Cláudio Moraes Correia

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

B466c

Bettencourt, Estevão, 1919-2008

Curso de Mariologia: Mater Ecclesiae / Estêvão Bettencourt. - 1. ed. - Rio de Janeiro:
Letra Capital, 2022.

352 p. : il. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7785-782-1

1. Maria, Virgem, Santa - Teologia. 2. Igreja Católica - Doutrinas. I. Título.

22-81257

CDD: 232.91

CDU: 27-312.47

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

ESCOLA MATER ECCLESIAE
Edifício João Paulo II
Rua Benjamin Constant, 23 - sala 311 - Glória
CEP 20241-150 - Rio de Janeiro - RJ
Tefefax: (21) 2242-4552

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236/2215-3781
www.letracapital.com.br
venda@letracapital.com.br

APRESENTAÇÃO

Estamos celebrando 60 anos da solene abertura do Concílio Vaticano II (11/10/1962). Em 1964, o Concílio publicou a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. Em seu capítulo VIII, o documento versa sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no Mistério de Cristo e da Igreja. Em seu n. 60, assim se expressa o documento:

“O nosso mediador é só um, segundo a palavra do Apóstolo: ‘não há senão um Deus e um mediador entre Deus e os homens, o homem Jesus Cristo, que Se entregou a Si mesmo para redenção de todos’ (1Tm 2,5-6). Mas a função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua eficácia. Com efeito, todo o influxo salvador da Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade; deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na Sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia; de modo nenhum impede a união imediata dos fiéis com Cristo, antes a favorece.”

Como afirma o citado texto da *Lumen Gentium*, em nada o papel de Maria na Igreja ofusca a única mediação de Cristo. O culto à bem-aventurada Virgem Maria, modelo da Igreja, favorece a mais íntima união dos fiéis com Cristo, assim como ela mesma esteve unida à vontade do Pai, abrindo-se ao Espírito, para que nela fosse gerado, segundo a carne, o Verbo Eterno (Jo 1,14).

Dez anos depois do Concílio Vaticano II, em 02 de fevereiro de 1974, o Papa Paulo VI, canonizado pelo Papa Francisco em 14 de outubro de 2018, publicou sua grande Exortação Apostólica, a *Mariialis Cultus*, sobre a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria. Partindo da figura de Maria como imagem da Igreja, São Paulo VI afirma, no n. 17 da *Mariialis Cultus*: “Maria é a Virgem que sabe ouvir, que acolhe a palavra de Deus com fé; fé, que foi para ela prelúdio e caminho para a maternidade divina (...). É isto que também a Igreja faz; na sagrada Liturgia, sobretudo, ela escuta com fé, acolhe, proclama e venera a Palavra de Deus, distribui-a aos fiéis como pão de vida (DV 21), à luz da mesma, perscruta os sinais dos tempos, interpreta e vive os acontecimentos da história.”

Uma breve citação destes dois grandes documentos nos ajuda a perceber a importância de se debruçar sobre o tema da Mariologia. De um lado, a *Lumen Gentium* nos mostra que o culto à Virgem Maria em nada diminui a consciência da única mediação exercida por Cristo; de outro, a Exortação Apostólica *Marialis Cultus* nos ensina a, no culto, imitar aquilo o que Maria fez durante toda a sua vida e que nos fica patente na leitura dos evangelhos: Ela é a Virgem que sabe ouvir e acolher com fé a Palavra de Deus.

A partir do impulso dado por estes documentos, nosso estimado co-fundador e autor de nossos cursos das Escolas Mater Ecclesiae, Dom Estêvão Bettencourt, OSB, publicou, em 1995, o Curso de Mariologia. Seguindo o processo de atualização e revisão de todos os nossos cursos, nosso evangelizador, o estimado Prof. Dr. Luiz Cláudio Moraes Correia, Mestre e Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro fez, com grande maestria e competência, a revisão de nosso Curso de Mariologia que agora apresentamos ao público em novo formato e com as devidas atualizações.

Conservamos a apresentação original de Dom Estêvão Bettencourt, OSB a fim de que nossos cursistas e todos os que eventualmente lerem esta obra possam sentir qual foi a motivação de nosso co-fundador, que começa sua apresentação afirmando: “Quem se aprofunda nas verdades da fé cristã, experimenta a necessidade de considerar mais detidamente a figura da Mãe de Jesus Cristo.” Em seguida, temos a apresentação de nosso revisor, onde ele explica mais pormenorizadamente em que consistiu seu exaustivo, mas muito frutuoso, trabalho de revisão.

Pedimos a Deus que recompense o Prof. Dr. Luiz Cláudio por seu magnífico trabalho e pedimos, também, a Deus, que abençoe cada um dos nossos cursistas e alunos dos cursos presenciais que se servirão deste livro em sua jornada acadêmica. Que Deus os ajude a crescer sempre mais na sua união com Cristo e no amor devotado à Virgem Maria.

Pe. Fabio da Silveira Siqueira

Doutor em Teologia Bíblica

Vice-diretor das Escolas de Fé e Catequese

Mater Ecclesiae e Luz e Vida

23 de novembro de 2022

Memória de São Columbano, Abade

e São Clemente I, Papa e Mártir

APRESENTAÇÃO ORIGINAL DE D. ESTÊVÃO BETTENCOURT, OSB

Caro(a) Cursista,

Oferecemos-lhe agora um curso de Mariologia ou sobre Maria SSma.

Quem se aprofunda nas verdades da fé cristã, experimenta a necessidade de considerar mais detidamente a figura da Mãe de Jesus Cristo. Embora os Evangelhos sejam sóbrios a respeito dela, Maria ocupa lugar importante nos três momentos decisivos da história da nossa salvação: 1º) na Encarnação do Filho de Deus, que se faz Filho de Maria (cf. Lc 1,26-38); 2º) na Páscoa de Jesus, que, pendente da Cruz, a constituiu Mãe de João e Mãe do gênero humano, estendendo assim a Maternidade de Maria a todos os homens (cf. Jo 19,25-27); 3º) em Pentecostes, quando Maria, juntamente com os Apóstolos, recebeu o Espírito Santo, como membro eminente da Igreja (cf. At 1,14).

Os dados bíblicos foram interpretados e desenvolvidos à luz da Tradição oral, portadora de verdades que a Tradição escrita não consignou, como afirma São João (cf. Jo 20,30s; 21,24s). Assim, aos poucos na Igreja, foi desabrochando a semente das proposições concernentes a Maria até constituírem um tratado próprio.

Na primeira metade do século XX, a piedade para com Maria SSma. se desenvolveu a tal ponto que perdeu um tanto do contato com as fontes da Escritura e Tradição oral. O Concílio do Vaticano II (1962-65) restaurou a Mariologia em base sólidas, revitalizando-a:

O Sacrossanto Sínodo... exorta os teólogos... a que, sob a direção do Magistério, cultivem o estudo da Sagrada Escritura, dos Santos Padres e Doutores e da Liturgia da Igreja, para retamente ilustrar os dons e privilégios da Bem-aventurada Virgem, que sempre levam a Cristo, origem de toda verdade, santidade e piedade... Ademais, saibam os fiéis que a verdadeira devoção não consiste num estéril e transitório afeto, nem numa vã credulidade, mas procede da fé verdadeira, pela qual

somos levados a reconhecer a excelência da Mãe de Deus, excitados a um amor filial para com nossa Mãe e à imitação das suas virtudes (Const. Lumen Gentium, 67).

Conscientes de tais diretrizes, dispusemos o presente curso em quatro Partes: I - Fundamentação Bíblica; II - História da Mariologia; III - Aprofundamento Teológico; IV - A Piedade Mariana.

Sugerimos aos nossos cursistas que procurem ler na sua Bíblia os textos citados nos respectivos capítulos, a fim de manterem contato permanente com a Palavra de Deus. Assim, o estudo poderá se tornar “*leitura espiritual*”, nutrindo a piedade e a oração. A tradição católica recomenda estudar “*de joelhos*” a Teologia, ou seja, numa atitude de procura de união crescente com o Senhor. São palavras de São Boaventura († 1274):

Ninguém creia que basta a leitura sem a unção, e especulação sem o estupor, a pesquisa sem o exultamento, a atividade sem a piedade, a ciência sem a caridade, a inteligência sem a humildade, o estudo sem a graça divina, o perscrutar sem a sabedoria da inteligência divina (Itinerarium Mentis in Deum, Prologus 4,53).

Caro(a) Cursista, desejo-lhe bons estudos!

Rio de Janeiro, 1º de Julho de 1995.

Pe. Estêvão Tavares Bettencourt, O.S.B

APRESENTAÇÃO DO REVISOR

Caro(a) Cursista,

Alegro-me por poder lhes apresentar mais esta revisão de um curso do nosso saudoso monge D. Estêvão Bettencourt, OSB, agora no tocante ao estudo sobre a Mãe de Deus e Nossa, a Virgem Maria. Falar de Maria é algo que toca nosso coração de cristão católico, pois todos trazemos um especial carinho, amor e devoção por ela, que foi e permanece sendo “cheia da graça de Deus” e nossa Mãe Santíssima.

Pudemos atualizar a bibliografia original com recentes obras de valiosos teólogos, dentre eles, D. Murilo Krieger, D. Gerhard L. Müller, Pe. Alexandre Awi e Pe. Royo Marín, além de textos substanciais dos Papas S. João Paulo II, Bento XVI e Francisco, que nos mostram aspectos relevantes para nossa fé na Santa Mãe de Deus. Na parte relativa às aparições, apresentamos os *Crêterios de discernimento sobre Aparições*, propostos pelo Papa Bento XIV, válidos até os dias atuais; apresentamos uma breve cronologia dos episódios de Fátima, em Portugal; destacamos as recentes descobertas científicas feitas na tumba de São Juan Diego, referentes às aparições de N. Sra. de Guadalupe; bem como, um capítulo novo (27) sobre Nossa Senhora Aparecida, com textos de D. Estêvão publicados na Revista Pergunte e Responderemos, e atualizados com as notícias dos recentes festejos em comemoração aos 90 anos de sua proclamação como Padroeira do Brasil.

Sem dúvida, muitos outros aspectos poderíamos trazer num curso sobre a Virgem Santíssima, mas, procuramos manter a estrutura didática que D. Estêvão deu à obra de sua autoria, a qual, com certeza, já contém a substância da Mariologia, com suas verdades dogmáticas e principais ensinamentos. Deste modo, caro(a) cursista, tenha a certeza de que seu estudo será proveitoso e lhe propiciará aprofundar no conhecimento sobre a Mãe de Deus, além de nutrir e aumentar seu amor pela Virgem Mãe. Pois, falar de Maria é falar de

Jesus. A Mãe do céu sempre nos aponta para o seu Divino Filho em toda a sua vida até hoje.

Desejamos bons estudos com a graça de Deus e o amor da Virgem Maria. Doce coração de Maria, sede a nossa salvação!

Prof. Luiz Cláudio Moraes Correia
Doutor e Mestre em Teologia
Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio

Novembro/2022

ÍNDICE GERAL

PARTE I: Fundamentação Bíblica

Capítulo 1: O Proto-evangelho (Gn 3,15).....	19
Capítulo 2: A Mãe do Messias (Is 7,14; Mq 5,1s)	27
Capítulo 3: Outros Textos do Antigo Testamento	35
Capítulo 4: A Infância de Jesus em Lc 1-2.....	43
Capítulo 5: Maria no Quarto Evangelho	53
Capítulo 6: A Figura de Maria em S. Marcos e S. Mateus... 61	
Capítulo 7: Maria no Apocalipse	69
Capítulo 8: A atitude de Jesus para com Maria (Lc 2,49; Jo 2,1-11; 19,26; Mt 12,46-49; Lc 11,27s)	77

PARTE II: História da Mariologia

Capítulo 9: Do século I ao II	87
Capítulo 10: Do século III ao V.....	97
Capítulo 11: Do século VI ao XVIII.....	107
Capítulo 12: Do século XIX aos nossos dias	115

PARTE III: Aprofundamento Teológico

Capítulo 13: A Virgindade Perpétua (I).....	133
Capítulo 14: A Virgindade Perpétua (II).....	143
Capítulo 15: A Maternidade Divina (I).....	153
Capítulo 16: A Maternidade Divina (II).....	165
Capítulo 17: A Imaculada Conceição (I).....	177
Capítulo 18: A Imaculada Conceição (II)	187
Capítulo 19: A Assunção Corporal de Maria (I).....	199
Capítulo 20: A Assunção Corporal de Maria (II)	207
Capítulo 21: A Maternidade orante de Maria	217
Capítulo 22: A Cooperação de Maria na Obra Redentora..	227

PARTE IV: A Piedade Mariana

Capítulo 23: Aparições.....	239
Capítulo 24: Nossa Senhora de Guadalupe.....	255
Capítulo 25: Nossa Senhora de Lourdes	271
Capítulo 26: Nossa Senhora de Fátima.....	283
Capítulo 27: Nossa Senhora Aparecida	297
Capítulo 28: A Aparição ao Pe. Afonso Ratisbonne.....	309
Capítulo 29: O Protestantismo e Maria	315
Capítulo 30: O Rosário	327
Capítulo 31: Maria na Vida do Cristão.....	341

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO, Santo. **A Virgem Maria**: Cem textos marianos com comentários. 1. ed. 9. Reimp. São Paulo: Paulus, 2019 (Coleção Espiritualidade).
- AQUINO, Felipe. **A mulher do Apocalipse**. 10. ed. Lorena: Cléofas, 2011.
- _____. (Org.). **A Virgem Maria**: 58 catequeses do Papa João Paulo II sobre Nossa Senhora. 7. ed. Lorena: Cléofas, 2014.
- ANCILLI, Ermanno; PONTIFÍCIO INSTITUTO DE ESPIRITUALIDADE TERESIANUM (Orgs.). **Dicionário de Espiritualidade**. 3 vol. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2012.
- BASTERO, Juan L.; FIDALGO, José M. **Mariología**. Pamplona-Espanha: EUNSA, 2015 (Colección Manuales ISCR, n. 3).
- BETTENCOURT, Estêvão T. (ed.). **Revista Pergunte e Responderemos**. Mensal. Rio de Janeiro: Lumen Christi, Índice acumulado por ano, 1957-2008. 50 vol.
- BETTENCOURT, Estêvão T.; LIMA, Maria L. C. **Curso Bíblico**: Escola Mater Ecclesiae. 2. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.
- BÍBLIA SAGRADA**. Português. 3. ed. Tradução oficial da CNBB. Brasília: CNBB, 2019.
- CANTALAMESSA, Raniero. **Maria, um espelho para a Igreja**. 8. ed. Aparecida: Santuário, 2006.
- DENZINGER, Heinrich; HUNERMANN, Peter. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.
- ELEIZALDE, Juan L. B. **El Espíritu Santo y María**: Reflexión histórico-teológica. Pamplona-Espanha: EUNSA, 2010 (Colección Teológica, n. 122).
- _____. **María, Madre del Redentor**. 3. ed. Facultad de Teología, Universidad de Navarra. Pamplona-Espanha: EUNSA, 2009 (Colección Manuales de Teología, n. 14).

- FERNÁNDEZ, Aurelio. **Teología Dogmática I: Introducción a la Teología, Cristología, La Trinidad, Pneumatología, Mariología.** 1. ed. 2. Reimp. Madrid-Espanha: BAC, 2015 (Colección Subsídium Theologica, n. 1).
- FIORES, Stefano de; MEO, Salvatore (Dir.). **Dicionário de Mariologia.** 1. ed. 1. Reimp. São Paulo: Paulus, 2019.
- GALLI, Carlos M. **Cristo, Maria, a Igreja e os povos: A Mariologia do Papa Francisco.** Brasília: CNBB, 2018 (Coleção A Teologia do Papa Francisco, v. 5).
- GARRIGOU-LAGRANGE, R. **A Mãe do Salvador: E a nossa vida interior.** 1. ed. Campinas: Ecclesiae, 2017.
- GAUDIO, Daniela Del. **Maria de Nazaré: Breve tratado de Mariologia.** 1. ed. 1. Reimp. São Paulo: Paulus, 2020.
- GONZÁLES, Carlos I. **Maria, evangelizada e evangelizadora.** CELAM. 1. Reimp. São Paulo: Loyola, 1997 (Coleção de Textos básicos para Seminários na América Latina, n. 1).
- HAHN, Scott. **Salve, Santa Rainha: A Mãe de Deus na Palavra de Deus.** Trad.: Luiz Cláudio M. Correia. 2. ed. Lorena: Cléofas, 2015.
- HAUKE, Manfred. **Introdução à Mariologia.** Campinas: Ecclesiae, 2021.
- JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater*: Sobre a bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho.** 25/03/1987. Brasília: CNBB, 2016 (Coleção Theotókos, v. 3).
- KRIEGER, Murilo S. R. **Com Maria, a Mãe de Jesus: Mariologia para leigos.** Aparecida: Santuário, 2017.
- MENKE, Karl-Heinz. **María en la historia de Israel y en la fe de la Iglesia.** Salamanca-Espanha: Sígueme, 2007 (Colección Verdad e Imagen, n. 175).
- MÜLLER, Gerhard L. **Dogmática Católica: Teoria e prática da Teologia.** Petrópolis: Vozes, 2015.
- OROZCO, Antonio. **Mãe de Deus e nossa Mãe: Iniciação à Mariologia.** São Paulo: Quadrante, 2016 (Coleção Biblioteca de Iniciação Teológica, n. 2).

- PAREDES, José C. R. G. **Mariologia**: Síntese bíblica, histórica e sistemática. 3. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2018.
- PINTO, Rafael A. L. **Compêndio de Mariologia**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.
- RATZINGER, Joseph/Bento XVI. **A Filha de Sião**: A devoção mariana na Igreja. 1. ed. 4. Reimp. São Paulo: Paulus, 2019.
- ROYO MARÍN, Antônio. **A Virgem Maria**: Teologia e espiritualidade marianas. Anápolis: Magnificat, 2020.
- SAMPEL, Edson L. (Org.). **Principais documentos dos Papas sobre Nossa Senhora**: do beato Pio IX a Francisco. 1. ed. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.
- SUÁREZ, Frederico. **A Virgem, Nossa Senhora**. São Paulo: Quadrante, 2003 (Coleção Vértice, n. 52).
- VIER, Frederico (Coord.); KLOPPENBURG, Boaventura (Int.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, Decretos e Declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- VON BALTHASAR, Hans U. **Maria para hoje**. 1. ed. 1. Reimp. São Paulo: Paulus, 2017 (Coleção Fides Quaerens).
- VV.AA. **Coleção Patrística**. São Paulo: Paulus, 2014-2018 (vol. 1-37); 2019 (vol. 38-42) [Livros eletrônicos].
- VV.AA. **Coleção Theotókos**. 15 vol. Brasília: CNBB, 2016.

BIBLIOGRAFIA

sobre aparições, piedade e títulos marianos

- ALLEGRI, Renzo; ALLEGRI, Roberto. **Os milagres de Fátima: A história narrada pelo sobrinho de Irmã Lúcia**. 3. ed. 4. Reimp. São Paulo: Paulinas, 2020.
- ANSÓN, Francisco. **O mistério de Guadalupe**. São Paulo: Quadrante, 1990 (Coleção Temas Cristãos, 40).
- AQUINO, Felipe. **Para entender o Ofício da Imaculada**. 3. ed. Lorena: Cléofas, 2016.
- _____. **O socorro da Virgem Maria e suas sete dores**. 7. ed. Lorena: Cléofas, 2014.
- BRITO, Ênio J. C.; PASSOS, João D. (Orgs.). **1717: O povo, a imagem e a devoção a Nossa Senhora Aparecida**. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2019.
- BRUSTOLIN, Leomar A. **Sob o olhar de Guadalupe: Sinais do Céu sobre a Terra**. 1. ed. 1. Reimp. São Paulo: Paulus, 2021.
- CHARTUNI, Maria H. **A história de dois restauros: Meu encontro com Nossa Senhora Aparecida**. 4. Reimp. Aparecida: Santuário, 2018.
- CNBB. **Aparições e Revelações Particulares**. 1. ed. Coleção Subsídios Doutriniais, vol. 1. Brasília: CNBB, 2009.
- DUFAUR, Luís E. **A aparição de La Salette e suas profecias**. São Paulo: Petrus, 2007.
- _____. **Lourdes e suas aparições: Esperança para quem precisa de socorro**. São Paulo: Petrus, 2009.
- EYMAR, Pedro J. **Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento: Um mês com Maria**. São Paulo: Factash, 2008.
- FARIAS, Esmeraldino B. **Piedade Popular Mariana: Um caminho de evangelização missionária**. 1. ed. Brasília: CNBB, 2017 (Coleção Mãe de Deus, 3).

- KRIEGER, Murilo S. R. **Maria na piedade popular**. Brasília: CNBB, 2016 (Coleção Mãe de Deus, n. 1).
- LARRAÑAGA, Inácio. **O silêncio de Maria**. 39. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- LIRA, Ana L. **O diário do silêncio: O alerta da Virgem Maria contra o comunismo no Brasil**. 4. ed. Campinas: Ecclesiae, 2018.
- LOAIZA, Enrique M. **O milagre da Virgem de Guadalupe**. São Paulo: Artpress, 2005.
- MEGALE, Nilza B. **Invocações da Virgem Maria no Brasil**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MELLO, Alexandre A. **“Ela é minha mãe!”: Encontros do Papa Francisco com Maria**. 5. ed. São Paulo: Loyola; Aparecida: Santuário, 2017.
- MEMÓRIAS DA IRMÃ LÚCIA: A pastorinha de Nossa Senhora de Fátima**. Compilação do Pe. Luís Kondor. São Paulo: Loyola, 2016.
- MONFORT, Luís M. G. **Tratado da verdadeira devoção a Santíssima Virgem Maria**. Lorena: Cléofas, 2011.
- SALINAS, Joel R. **A Virgem de Guadalupe: Legado divino ou pintura humana?** 1. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2008.
- SANTOS, Armando A. **A verdadeira história da Medalha Milagrosa**. São Paulo: Artpress, 1998 (Coleção Cultura Religiosa, n. 6).
- SANTUÁRIO MEDALHA MILAGROSA – Paris. **Catarina Labouré: A Santa do silêncio**. Paris: Du Berger, 2012.
- SILVA, Rafael M. F. **“Eu sou a graça”**: As aparições de Nossa Senhora das Graças em Pernambuco. 1. ed. Campinas: Ecclesiae, 2016.
- ZANON, Darlei. **Nossa Senhora de todos os nomes: Orações e história de 365 títulos marianos**. 2. ed. 1. Reimp. São Paulo: Paulus, 2021.

PARTE I:
Fundamentação Bíblica

Capítulo 1:
O PROTO-EVANGELHO (GN 3,15)

O Antigo Testamento não fala explicitamente sobre Maria Santíssima.¹ Alguns de seus textos, porém, ao tratarem do Messias, referem-se à Mãe do Messias. Tais são as passagens de Gn 3,15 (o proto-evangelho ou o primeiro anúncio da Boa-Nova), Is 7,14 (a profecia do Emanuel), Mq 5,1s (a referência à parturiente).

Outros textos do Antigo Testamento são considerados pela Tradição como testemunhos antecipados do papel que Maria SSma. desempenharia na História da Salvação. Como exemplos, podem ser citados os textos que falam de maternidades maravilhosas: Isaac nasceu de mãe estéril (cf. Gn 18,1-15); Esaú e Jacó igualmente (Gn 25,21); José igualmente (Gn 30,22-24); também Sansão (Jz 13,1-24); e ainda, Samuel (1Sm 1,1-28). As grandes mulheres do Antigo Testamento, como Judite e Ester, são tidas também como figuras de Maria SSma.

Em nosso estudo, vamos nos limitar aos textos que, numa exegese sóbria e científica, levam a descobrir a Mãe do Messias predita pelos Profetas.

Lição 1 O Proto-evangelho (Gn 3,15)

O texto de Gn 3,15 é chamado de proto-evangelho: *proto* (= primeiro), *Evangelho* (= boa notícia). Isto porque os teólogos entendem que este versículo de Gênesis traz a *primeira boa nova da salvação* a toda a humanidade. Logo após ter criado o mundo e os primeiros pais, estes cederam à tentação da serpente sedutora e cometeram o pecado original (o pecado das origens). Deus, no entanto, não os abandonou ao nada, mas cuidou de já pré-anunciar a boa nova da salvação, o *proto-evangelho*, ou seja, o primeiro evangelho, o primeiro grande anúncio da salvação ao gênero humano. A vitória de Cristo já era aqui apresentada!

Assim, depois do pecado de Adão e Eva, o Senhor Deus não quis abandonar os primeiros pais, mas logo lhes fez a promessa de restauração da aliança, que tinha sido violada por eles, anunciando-lhes, pela primeira vez, e de maneira ainda não muito clara, a vitória do Salvador sobre o Tentador e o pecado.

Eis o que se lê em **Gn 3,15**, onde Deus fala à serpente – o Sedutor:

¹ Neste curso, utilizaremos a abreviatura *Maria SSma.* para Maria Santíssima.

^{3,15a}*Porei inimizade entre ti e a mulher, ^bentre a tua descendência e a descendência dela. ^cEsta [a descendência da mulher] te ferirá a cabeça ^de tu lhe ferirás o calcanhar.*

Este versículo, aqui subdividido em quatro partes (identificadas pelas letras: *a, b, c, d*), presta-se a mais de uma interpretação. Vamos analisá-lo por partes:

- 1) O verbo hebraico é o mesmo (*suph*) em 3,15c e 3,15d; daí traduzimos, com a Bíblia da CNBB, por **ferirá** e **ferirás**. Embora tanto a descendência da mulher quanto a da serpente **fira** (= atinja, ataque) o adversário respectivo, há superioridade para a descendência da mulher, pois ferir a cabeça é mais grave do que ferir o calcanhar.
- 2) O sujeito que fere a cabeça da serpente, conforme o original hebraico, não é feminino, mas masculino (*hu* = ele). Isto quer dizer que não é a mulher, mas **o filho da mulher** que vencerá a serpente, ou seja, a descendência da mulher.
- 3) Pergunta-se agora: quem é essa mulher? E qual será a sua descendência?
No texto de Gn, só há uma mulher: aquela que pecou com Adão, ou seja, Eva. Em consequência, o texto tomado ao pé da letra – como um judeu o entendia ou ainda entende, se refere a Eva. Quanto à descendência da mulher, seriam todos os homens e mulheres fiéis a Deus através dos tempos. Todos deverão travar batalha contra o Sedutor e seus seguidores, cabendo a vitória final à linhagem dos bons. Tal é o sentido estritamente literal do texto bíblico ou aquilo que se deduz de uma primeira leitura do mesmo.
- 4) No entanto, a hermenêutica bíblica reconhece, em alguns casos, além do **sentido literal estrito**, o sentido literal **pleno**. Isto significa que as palavras do autor sagrado podem ter um sentido decorrente da própria letra, mas não percebido pelo autor humano. Deus, porém, que é o autor principal e supremo da Sagrada Escritura, terá intencionado esse segundo significado do texto bíblico. É preciso não esquecer que a Bíblia, tendo Deus como autor principal, deve ser considerada como um só discurso ou uma só mensagem

que se vai explicitando aos poucos. Daí a necessidade de se compararem os textos bíblicos entre si. Os mais antigos prenunciam os mais recentes e os mais recentes ilustram e revelam plenamente o sentido dos textos mais antigos.

- 5) Aplicando este princípio ao texto de Gn 3,15, pode-se dizer que o descendente da mulher que concretamente pisou na cabeça da Serpente ou do Tentador foi o **Messias Jesus**. E a mãe desse Senhor vitorioso foi **Maria SSma**. Por conseguinte, o sentido literal pleno (ou o sentido que decorre do escrito plenamente entendido) aponta Maria e Jesus Cristo como os protagonistas da luta decisiva contra a serpente e os agentes da vitória sobre a mesma. Em outras palavras: a Eva (= *Mãe da vida*, em hebraico) de Gn 3,15 inicia uma tarefa que só foi plenamente realizada por Maria, pois o texto sagrado nos diz que Eva foi pecadora ou esteve sob o domínio da Serpente. Ao contrário, Maria SSma. foi “*cheia de graça*” e nunca se dobrou sob o jugo do Maligno, uma vez que em toda a sua vida colaborou para a vitória sobre ele.

Assim como em Gn 3,2-7 aparece a mulher (Eva) envolvida com o Tentador e o pecado para a ruína do gênero humano, assim Gn 3,15 aparece a mulher (Eva feita *Mãe da Vida* por excelência ou Eva plenamente realizada em Maria) intimamente associada ao Messias na obra de Redenção do gênero humano. A mulher (Eva, *Mãe da Vida*), que introduziu o pecado no mundo, será também aquela que vai introduzir a Salvação ou o Salvador no mundo. Desta forma, o papel de Eva é recapitulado por Maria.

Em consequência, pode-se dizer que, na profecia de Gn 3,15 está contido, de modo ainda suave, o núcleo de toda a Mariologia, ou seja, é apresentada a estrita conexão que existe entre o Redentor (= o 2º Adão) e sua Mãe (= a 2ª Eva ou a *Mãe da Vida* por excelência).

É de notar que S. Jerônimo traduziu o pronome hebraico *hu* (= *ele*) por *ipsa* (= *ela mesma*, em latim). Com isto, insinuou que a Mulher seria a vencedora da Serpente, esmagando-lhe a cabeça. Este modo de entender Gn 3,15 tornou-se clássico entre os ocidentais (haja vista o quadro da Imaculada Conceição, da autoria de Murilo). Todavia não corresponde ao original, pois o texto original atribui a vitória

ao **descendente da mulher**... descendente cuja Mãe é explicitamente mencionada e dignificada.

De resto, o texto de Gn 3,15 é retomado em Ap 12, como se verá no capítulo 7 deste curso: a Mulher e o Dragão (= a Serpente antiga) retornam como protagonistas de um duelo entre o bem e o mal que perpassa toda a história da Salvação, cabendo a vitória final à linhagem da Mulher.

Como também será demonstrado, o texto de Gn 3,15 ressoa em Jo 2,4 e Jo 19,26, passagens em que Jesus chama Sua Mãe de **Mulher**, fazendo uma alusão ao proto-evangelho.¹

Lição 2) A interpretação da Tradição

Dizíamos que o Antigo Testamento há de ser considerado à luz do Novo Testamento, e vice-versa, pois constituem um só discurso de Deus aos homens. Acrescentamos que a Escritura Sagrada como tal há de ser relida à luz da Palavra Viva que a antecede e a acompanha. Com efeito, a Revelação de Deus aos homens foi feita primeiramente por via oral e só posteriormente foi posta por escrito. Por isto, a leitura católica da Bíblia sempre leva em consideração o entendimento que os antigos intérpretes davam ao texto sagrado. Nem tudo o que os escritores dos primeiros séculos disseram é de fé, mas, mesmo assim, ao tratar de assuntos ligados à fé, indicaram linhas de interpretação dignas de atenção.

Ora, já no século II, ocorre o paralelismo entre Eva e Maria feito por S. Justino († 165). No seu **Diálogo com Trifão** (o Judeu), ele escreve:

Confessamos que ele nasceu da virgem como homem, a fim de que pelo mesmo caminho que iniciou a desobediência da serpente, por esse também ela fosse destruída. De fato, quando ainda era virgem e incorrupta, Eva, tendo concebido a palavra que a serpente lhe disse, deu à luz a desobediência e a morte. A virgem Maria, porém, concebeu fé e alegria, quando o anjo Gabriel lhe deu a boa notícia de que o Espírito do Senhor viria sobre ela e a força do Altíssimo a cobriria com sua sombra, através do que o santo que dela nasceu seria o Filho de

¹ Veja o capítulo 5 deste curso.

*Deus [...]. E da virgem nasceu Jesus, ao qual demonstramos que tantas Escrituras se referem, pelo qual Deus destrói a serpente... (Diálogo, 100,4-5; Comentários ao vers. 4 do Salmo 22).*²

Note-se o paralelismo antitético: Eva é portadora da desobediência e da morte; Maria, ao contrário, traz a fé e a alegria. Importante no texto é a observação: Deus quis resolver o impasse oriundo do pecado mediante os elementos mesmos que introduziram o pecado, ou seja, o anjo (mau) falou à mulher infiel, o anjo (bom) Gabriel falou à mulher fiel a Deus. No primeiro caso, a mulher colabora para a morte; no segundo caso, a mulher (a nova Eva, a verdadeira Mãe da Vida) colabora para a vida.

Poucas décadas depois, **S. Irineu** († 202) desenvolve o paralelismo. Ele parte da concepção de que o plano de Salvação não é simplesmente um conserto ou um reparo feito no projeto violado por Adão no paraíso. Mas é um recomeçar desde as origens. Nesse recomeçar cada qual dos elementos envolvidos na queda é chamado a desenvolver um papel de “*recapitulação*”, que ele chama também de “*recirculação*”. Para apagar o pecado, Deus quis voltar às origens do pecado e recomeçar a história com elementos correspondentes aos da queda. Assim, Jesus Cristo é o novo ou segundo Adão (ver Rm 5,14; 1Cor 15,45-49); a cruz de Cristo é a nova árvore do paraíso; e Maria é a nova Eva.

Santo Irineu enfatiza fortemente o papel de Maria como consequência necessária do desígnio salvífico de Deus:

*Uma [mulher] deixou-se seduzir de modo a desobedecer a Deus, a outra deixou-se persuadir a obedecer a Deus, para que, da virgem Eva, a Virgem Maria se tornasse advogada. O gênero humano que fora submetido à morte por uma virgem, foi libertado dela por uma Virgem; a desobediência de uma virgem foi contrabalançada pela obediência de outra virgem (Contra as Heresias V, 19,1).*³

No século IV, **S. Epifânio de Salamina** († 403), bispo desta cidade na costa oriental de Chipre, se faz de novo um promotor deste paralelismo:

² JUSTINO, **Diálogo com Trifão**, 100,4-5. In: JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias; Diálogo com Trifão**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014, p. 170 (Coleção Patrística, vol. 3) [livro eletrônico].

³ IRINEU DE LIÃO, **Contra as Heresias**, Livro V, 19,1. In: *ibid.*, São Paulo: Paulus, 2014, p. 329 (Coleção Patrística, vol. 4) [livro eletrônico].

Eva trouxe ao gênero humano uma causa de morte: por ela a morte entrou no orbe da terra; Maria trouxe uma causa de vida; por ela a vida se estendeu a nós. Foi por isso que o Filho de Deus veio a este mundo: para que, onde abundou o delito, superabundasse a graça. Onde a morte havia chegado, aí chegou a vida, para tomar seu lugar; e aquele mesmo que nasceu da mulher para ser nossa vida, haveria de expulsar a morte, introduzida pela mulher. Quando ainda virgem no paraíso, Eva desagradou a Deus por sua desobediência. Por isto mesmo emanou da Virgem a obediência própria da graça, depois que se anunciou o advento do Verbo revestido de corpo, o advento da eterna Vida do céu (Panárion 78, 18,1-3).

O fato de os escritores antigos dizerem que Eva era Virgem ao pecar baseia-se no fato de que o Gênesis narra a queda do homem e da mulher antes de terem concebido seus primeiros filhos: Caim e Abel (cf. Gn 4). Este modo de entender o Gênesis, um tanto artificial, não prejudica o paralelo Eva-Maria. Este paralelismo se tornou clássico na Tradição Cristã, a ponto que mesmo recentemente, o Concílio Vaticano II (1962-1965) o reafirmou quando diz:

*É com razão que os Santos Padres julgam que Deus não se serviu de Maria como instrumento meramente passivo, mas julgam-na cooperando para a salvação humana com livre fé e obediência. Pois ela, como diz S. Irineu, “obedecendo, se fez causa de salvação tanto para si como para todo o gênero humano”. Donde não poucos Padres antigos afirmam de bom grado em sua pregação: “O nó da desobediência de Eva foi desfeito pela obediência de Maria; o que a virgem Eva ligou pela incredulidade, a virgem Maria desligou pela fé”. Comparando Maria com Eva, chamam-na de “mãe dos viventes”; e com frequência afirmam: “veio a morte por Eva e a vida por Maria” (Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 56).⁴*

⁴ LG 56. In: VIER, Frederico (Coord.); KLOPPENBURG, Boaventura (Int.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, Decretos e Declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 106.

Lição 3 Conclusão

Duas grandes reflexões ocorrem como conclusão do que foi dito:

- 1) O título de *Nova Eva* é o primeiro título com o qual Maria SSma. é venerada pela Tradição Cristã. É o título de maternidade – Mãe da Vida – em relação a Jesus, o Messias. Esta prerrogativa foi a primeira a ser definida por um Concílio Geral, ou seja, pelo Concílio de Éfeso, em 431: Maria é **Theotókos**, Mãe de Deus, na medida em que Deus se quis fazer homem. Deste título se derivam as demais prerrogativas de Maria SSma.
- 2) Vê-se que a consideração de Maria, desde as suas origens, tem caráter cristológico. Longe de ser independente de Cristo, é suscitada pela definição da identidade de Jesus Cristo. Assim, a autêntica piedade mariana está diretamente relacionada com a fé em Jesus Cristo.

Perguntas

- 1) *Que é sentido estritamente literal? Que é sentido literal pleno?*
- 2) *Quem é a Mulher de Gn 3,15 segundo o sentido estritamente literal?*
- 3) *Quem é essa Mulher segundo o sentido literal pleno? Explique bem.*
- 4) *Que é recapitulação ou recirculação?*
- 5) *Que significa o nome Eva em hebraico? Como Maria pode ser dita a Nova Eva?*

Capítulo 2:
A MÃE DO MESSIAS
(Is 7,14; Mq 5,1s)

No Antigo Testamento ainda se encontram dois textos que, com certa clareza, falam da Mãe do Messias, sendo o principal o de Is 7,14. Vejamos cada qual destes textos.

Lição 1 Isaías 7,14

Inicialmente, vejamos quais são os fatos que antecedem tal versículo do profeta Isaías.

Em 930, ocorreu o cisma de Israel, donde resultaram o reino do Norte ou da Samaria e o reino do Sul ou de Judá. O reino de Judá é o da dinastia de Davi, que recebeu as promessas de dar ao mundo o Messias (ver 2Sm 7,11-17), ao passo que o reino do Norte é o reino cismático.

Por volta de 735, reinava em Judá o rei Acaz (736-716), filho de Joatão, e, por conseguinte, descendente de Davi. Ao Norte, o rei Facea (737-732), da Samaria, e o rei Rasin da Síria se coligaram para derrubar o pesado jugo da Assíria. Eles queriam ampliar e fortalecer esta coligação, envolvendo também o reino de Judá. Porém, Acaz se recusou a entrar na campanha. Em consequência, os dois reis do Norte resolveram promover uma guerra contra ele, pois queriam depô-lo e colocar em seu lugar um sucessor, filho de Tabael, de origem não davídica. Se vencessem Judá, os dois reis abririam caminho para o Egito, um possível aliado deles, sempre disposto a combater contra os mesopotâmicos – assírios e babilônios.

Ora, o exército da Síria e da Samaria invadiu Judá, obrigando Acaz a se recolher em Jerusalém, ameaçada pelos adversários numa situação angustiante. Diz o texto sagrado:

Agitou-se, então, o coração do rei e o coração do povo, como se agitam as árvores da floresta com a força do vento (Is 7,2).

A única saída para Acaz era pedir a intervenção do rei assírio Teglat-Falasar III (745-727), que não tardaria a atender. Todavia, a política de alianças com povos estrangeiros era proibida a Judá, pois tais alianças acarretavam perigo de contaminação religiosa para o povo messiânico (ver 2Rs 16,7-10; 2Cr 28,16-20).

Foi então que Deus enviou o profeta Isaías ao rei Acaz, para lhe lembrar a “política da fé” ou a necessidade de confiar na Providência

Divina: *“Fica tranquilo! Não tenhas medo, e o teu coração não receie... Se não creres, não subsistires”* (Is 7,4-9). A fé devia ser o fundamento da existência do povo de Deus, que devia se apoiar na palavra de Deus.

Já que o profeta exigia de Acáz uma atitude de fé corajosa, Isaías orientou o rei a pedir um sinal a Deus que lhe mostrasse que o Senhor dava segurança ao rei de Judá: *“Pede para ti um sinal ao Senhor, teu Deus, quer na profundeza do Xeol [do abismo], quer nas alturas excelsas”* (Is 7,11).

No entanto, Acáz não era fiel ao Senhor, pois já havia mandado imolar seu filho aos deuses: *“Chegou a sacrificar seu filho no fogo, segundo os costumes abomináveis das nações que o Senhor tinha expulsado de diante dos israelitas”* (2Rs 16,3). Por isto, Acáz recusou hipocritamente o sinal, como quem não quer “tentar a Deus” pedindo milagres (cf. Is 7,12). Foi, então, que o profeta Isaías, em nome de Deus, propôs o sinal:

Pois bem, o próprio Senhor vos dará um sinal: A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe porá o nome de Emanuel (Is 7,14).

O anúncio é solene. Para entendê-lo devidamente, é preciso identificar quem é esse Emanuel e quem é a jovem mãe do Emanuel.

Quem é o Emanuel? – A expressão significa, literalmente, “Deus conosco” (*Immanû* [conosco] *’El* [Deus]). Num primeiro momento, é possível que o profeta esteja pensando no nascimento do filho de Acáz, Ezequias. Tal nascimento seria um sinal de que a profecia de 2Sm 7, da perenidade da casa de Davi, se realizaria. O rei poderia apaziguar, então, seu coração, confortado pela certeza de que nenhum inimigo roubaria seu trono.

Contudo, deve-se levar em conta que a profecia, com o passar do tempo, é muitas vezes reinterpretada. Sendo assim, quando a monarquia davídica em Judá chegou ao fim com o exílio da Babilônia (587 ou 586 a.C.), a esperança messiânica começou a ser projetada para a vinda de um rei futuro. Esse deveria ser o verdadeiro “Emanuel”, o “Deus conosco”. O texto de Is 7,14 é, pois, um texto ambivalente. Num primeiro momento, parece referir-se ao nascimento do filho de Acáz. Contudo, o sentido espiritual ou pleno do texto será aquele recebido quando da sua citação em Mt 1,23, a partir da tradução grega da LXX.